

RECICLAR É EDUCAR: A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS VIVÊNCIAS DE CATADORAS E CATADORES ORGANIZADAS/OS¹.

Marileide Lázara Cassoli²
Vera Lúcia Nogueira³

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o papel das associações de catadoras/es de materiais recicláveis, como espaços de educação não-formal, no processo de capacitação dessas/es trabalhadoras/es para o labor nas rotas de coleta, nos galpões de reciclagem, nas funções de gestão, assim como, para uma formação cidadã e atuação das/os mesmas/os como educadoras/es ambientais. O referencial teórico-metodológico ancora-se em autores como Maria da Glória Gohn, Paulo Freire, Maria Cecília de Souza Minayo e Verena Alberti. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas estruturadas/semiestruturadas no âmbito da Associação Dos Catadores de Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE), localizada em Belo Horizonte/MG e da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Sarzedo (ACAMARES), sediada no município de Sarzedo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. A análise quanti-qualitativa das respostas obtidas foi pautada nos métodos da História Oral e da Análise de Conteúdo, cotejada com a bibliografia pertinente à temática pesquisada. Os resultados obtidos contribuem para os debates sobre as múltiplas formas e espaços em que a educação/capacitação para o trabalho podem ocorrer e seus impactos na formação e atuação cidadã desses atores sociais, não apenas na gestão dos resíduos sólidos urbanos, mas também, como agentes de sensibilização da comunidade em que atuam, promovendo uma mudança de conduta em relação a esses resíduos, tornando-se, então, protagonistas na educação para a sustentabilidade.

Palavras-chave: Catadoras/es Organizadas/os, Educação Não Formal, Trabalho, Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

Em vinte e dois de outubro de 2002, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) reconheceu na Família Ocupacional 5192-05 os “trabalhadores da coleta e seleção de materiais recicláveis”, alterando a classificação anterior da categoria como ‘catador de lixo’⁴. Muito embora a CBO não arbitre sobre a regulamentação profissional dos ofícios nela listados é

¹ Projeto de pesquisa de Pós-doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGE/FaE/UEMG. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais em 11/07/2024. CAAE: 80065724.1.0000.5525.

² Doutora em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana, da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGE/FaE/UEMG. Bolsista do Programa Institucional de Pós-Doutorado da Universidade do Estado de Minas Gerais. marileidelazara@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. vera.nogueira@uemg.br.

⁴ As alterações nas denominações referentes a estas/es profissionais estão marcadas por uma construção social e política; ver: DIAS. 2009.

importante ressaltar que o Relatório de Atividades referente aos profissionais da coleta e seleção de materiais recicláveis, estejam incluídas atribuições como a divulgação do trabalho de reciclagem, a administração do trabalho, a segurança no exercício das funções, e também, demonstrar competências pessoais valorizando-se profissionalmente. O documento enfatiza a importância das associações ou cooperativas de catadoras e catadores como locais para capacitação técnica de funções desempenhadas no processo de triagem e preparação do material reciclável a ser comercializado, considerando-se, além disso, que as mesmas empreendam ações sociais junto aos seus membros e suas famílias. Suas atribuições se estendem, ainda, às comunidades nas quais se encontram inseridas contribuindo para o fortalecimento de ações socioambientais conectadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), em especial os números quatro – Educação de Qualidade –; onze – Cidades e Comunidades Sustentáveis; doze – Consumo e Produção Responsáveis e treze – Ações contra a Mudança Global do Clima⁵.

Nesse sentido, compreendemos que as associações e/ou cooperativas de catadoras/es de materiais recicláveis, constituem espaços de educação não-formal em diferentes âmbitos: na capacitação para as múltiplas funções a serem exercidas pelas trabalhadoras/es da catação, propiciando uma formação cidadã, assim como, nas relações e ações que estabelecem com as comunidades em seu entorno e instituições como escolas, por exemplo. Conforme colocado por Maria da Glória Gohn, 2006, na educação não-formal o método resulta

da problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas visando, assim, a formação integral dos indivíduos em múltiplos aspectos (Gohn, 2006, p. 31-32).

Podemos, dessa forma, apontar uma convergência entre as pautas que norteiam a capacitação e formação de catadoras e catadores organizados e as proposições da educação não-formal. Concordamos com as afirmações da autora sobre o caráter educativo dos movimentos sociais e práticas associativas coletivas, portanto, conhecer as práticas, ações e pautas das associações de catadoras/es, traz à reflexão – e problematiza – o alcance político da educação cidadã⁶, da educação ambiental e da formação para o trabalho. Partimos do princípio que as associações e seus membros, atuam não apenas na gestão dos resíduos sólidos urbanos, mas

⁵ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 22/11/2023.

⁶ Ver: Silva e Pereira, 2016, p. 2. A cidadania compreende os direitos à liberdade; à preservação da integridade física; à participação em movimentos sociais, em associações e nos sindicatos de classe; à saúde, educação, moradia e à proteção social, entre outros. É sobre a introjeção desses direitos ou garantias que as vivências de catadoras e catadores, seja no processo de formação de suas associações ou na capacitação para o trabalho que consideramos uma educação ou formação cidadã.

também, como agentes de sensibilização e mobilização social, constituindo-se em protagonistas da educação para a sustentabilidade. Protagonismo que remetemos ao sentido apresentado por Paulo Freire (1997, p. 67): “estar no mundo (...) inteligindo, comunicando o inteligido, sonhando e referindo sempre a um amanhã, transgredindo princípios, encarnando-os, rompendo, optando, crendo ou fechado às crenças”. Ao “inteligirem” e “comunicarem o inteligido” as/os profissionais da catação tornam-se educadores no momento em que o aprendizado adquirido nos galpões de reciclagem “migra” para a comunidade, seja no espaço escolar propriamente dito ou naqueles em que a educação opera informalmente como praças, teatros ou nos próprios centros de reciclagem.

Consideramos que, conhecer as práticas, ações e pautas construídas no interior das associações traz à reflexão não apenas as questões relacionadas ao trabalho nos galpões e seus desafios, como também, problematiza o alcance político da educação ambiental entendida “como a educação dos homens e das mulheres no mundo e com o mundo, para dizer sua palavra e promover a ação transformadora e entender o trabalho como princípio educativo fundante do ser social” (Franco; Molon, 2008, p. 183). Buscando conhecer essas práticas, ações e pautas estruturamos nosso estudo a partir de uma abordagem qualitativa, a qual, compreendemos, possibilita uma análise mais aprofundada em estudos relacionados à “pequenas populações, pretendendo adentrar as informações, interpretar significados, narrar situações, descrever processos culturais e/ou institucionais” (Medeiros; Dalben; Costa, 2010, p. 13). Mais ainda, a pesquisa qualitativa tem por foco os fatos da sociedade centrados na interpretação e explicação da dinâmica das relações sociais, sendo, as abordagens qualitativas as que melhor se adequam aos estudos de grupos delimitados ou de histórias sociais “sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos ou documentos” (Minayo, 2010, p. 57).

Para tanto, realizamos a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com catadoras e catadores de duas associações: a Associação dos Catadores de Papelão e Material Reaproveitável (Asmare), primeira associação de catadoras/es do Brasil, fundada em 1990, localizada em Belo Horizonte, e, a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Sarzedo (Acamares), fundada em 2013, localizada em Sarzedo, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte.⁷ Os dados obtidos a partir das entrevistas – qualitativos e

⁷ Os materiais gerados resultaram das entrevistas gravadas, consentidas a partir dos esclarecimentos realizados pela pesquisadora a cada participante da pesquisa individualmente, ao iniciarmos a entrevista, explicamos os objetivos do projeto, a qual instituição a pesquisa se encontra vinculada, além das disposições sobre identificação pessoal e o conteúdo do TCLE. Após a leitura do TCLE pelas/os entrevistadas/os, mesmo foi assinado e solicitamos o consentimento oral no início das gravações. Posteriormente, as mesmas foram transcritas pela pesquisadora e analisadas quanti-qualitativamente. Conforme indicado anteriormente a aprovação do projeto de

quantitativos –foram analisados sob as perspectivas da História Oral e da Análise de Conteúdo e cotejados com a bibliografia pertinente ao tema em estudo. Neste sentido, a opção pelo método de Análise de Conteúdos justifica-se por ser esse, segundo Triviños (1987), um método aplicável tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, mas aplicável também na versão quanti-qualitativa de pesquisa ao empregar os dados estatísticos na abordagem qualitativa. Além disso, consideramos que esse método de análise se situa “no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento” (Franco, 2008, p. 10).

Em diálogo com o método de Análise de Conteúdo, nos valem dos métodos da História Oral para as ponderações relacionadas às respostas obtidas nas entrevistas realizadas. As mudanças teóricas do final dos anos 1970 fortaleceram a abordagem social da chamada nova história política e da história cultural impactando “os temas, abordagens e o aparato conceitual utilizado pelos historiadores, sendo que nas pesquisas sobre o mundo do trabalho essa virada tão importante teve papel determinante” (Gomes, 2020, p. 183). As classes trabalhadoras, como passaram a ser chamadas, tornaram-se sujeitos históricos, protagonistas de suas ações e escolhas, com autonomia e experiências de vida particulares a serem consideradas na interseccionalidade de gênero, raça e classe, conferindo à História Oral um importante papel para os estudos sobre o mundo do trabalho. Segundo Lozano, 2006, o registro da história de vida de indivíduos, ao focalizar suas memórias pessoais, constrói também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento da trajetória do grupo social ao qual pertence, fortalece identidades e atua como um mecanismo de reparação social. Subjacentes às narrativas pessoais os temas sociais são desvelados pois, ao falar de si, fala-se também do outro, podendo, assim, serem abordados a partir do olhar, da vivência e da narrativa das trabalhadoras e dos trabalhadores da catação.

O artigo está organizado em três seções, que se seguem: a metodologia utilizada, ou seja, quais os caminhos percorridos para a realização das entrevistas e obtenção dos dados a serem analisados; a apresentação preliminar dos resultados obtidos, como também, a discussão dos mesmos e as considerações finais.

METODOLOGIA

O roteiro de entrevistas elaborado buscou abordar, além dos dados de identificação pessoal – nome, idade, estado civil, entre outros –, as vivências individuais e coletivas relativas à pessoa entrevistada, à sua família ou aquelas relacionadas ao aprendizado, à execução e desafios do trabalho na catação ou no galpão das associações. As dez entrevistas realizadas na Asmare aconteceram entre os meses de agosto e outubro de 2024, em diferentes dias e horários, os quais foram agendados junto à gestão da associação. As catadoras e catadores participantes foram indicadas/os pelos responsáveis pela gestão da secretaria, Lucas e Elisângela – os quais também se disponibilizaram para as entrevistas –, respeitando o tempo disponível de cada catadora/or, o consentimento e o interesse em participar da pesquisa. No período em que as entrevistas foram realizadas, a Associação contava com um efetivo médio de cento e trinta associadas/os, nos dois galpões⁸. No caso da Acamares, a execução das entrevistas exigiu que nos deslocássemos até o município de Sarzedo, no dia 23 de novembro de 2024, um sábado, conforme solicitado por Marli Beraldo, presidenta da Associação. Assim, as mesmas foram realizadas com a equipe escalada para o trabalho no galpão naquele dia, totalizando oito pessoas entrevistadas em um efetivo de vinte e três associadas/os. Em ambas as associações buscamos respeitar as dinâmicas de trabalho do galpão e propiciar um ambiente amistoso para a realização das entrevistas atendendo às agendas apresentadas pelos gestores. Ressaltamos ainda que as pessoas entrevistadas contemplaram os requisitos propostos no projeto de pesquisa, por atuarem em diferentes frentes nas associações: no trabalho de coleta seletiva, nas tarefas do galpão, nas atribuições da gestão ou na educação ambiental.

Quanto à designação pelo nome, apenas uma pessoa participante da pesquisa registrou o pedido de sigilo sobre sua identificação pessoal, passando a constar como C1 na transcrição das entrevistas e em todo o material derivado das mesmas. As/os demais participantes consideraram importante a identificação pessoal por acreditarem que a pesquisa voltada para catadoras e catadores, como também, suas associações, traz visibilidade e reconhecimento social pelo trabalho que desempenham, às suas trajetórias pessoais e ao processo de formação e consolidação do trabalho organizado representado pelas associações ou cooperativas de reciclagem. Finalmente, foram totalizadas dezoito entrevistas, as quais foram transcritas pela pesquisadora e cujos dados primários, construídos no processo de pesquisa, serão analisados a seguir.

⁸ Atualmente a Asmare possui dois centros de reciclagem localizados na Avenida do Contorno, 10555, no bairro Barro Preto e na Rua Ituiutaba, 259, bairro Prado. As entrevistas foram realizadas no centro de reciclagem situado na Avenida do Contorno, 10555, por indicação dos gestores da associação.

RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÃO

As análises resultantes do conjunto de entrevistas indicam a convergência para dois temas principais: aprender e trabalhar. “Aprender” aparece vinculado à experiência laboral e à transmissão oral; aprende-se como e para trabalhar; aprende-se “para a vida”, para ser cidadão. “Trabalhar”, compreende experiências distintas, ou seja, antes e após se tornarem associados; o preconceito ainda hoje enfrentado; a atuação como educadores ambientais. A “rua” se constituiu, o primeiro espaço de aprendizagem com e para o trabalho. As experiências adquiridas por aqueles que já se dedicavam ao ofício da catação eram transmitidas oralmente aos que nela se iniciavam, possibilitando, dessa forma, um aprendizado sobre a catação, a separação dos materiais, onde e como comercializar, construindo uma rede de solidariedade antes mesmo antes da criação das associações. Nas palavras de Dona Geralda:

Catador é muito unido, sabe, é um ensinando o outro, se ele tem um ponto ele dá pro outro, se ele vê que ele tá com muito, ele passa pro outro, uma partilha né! Desde a rua [antes das associações] a gente partilha, chegava marmitex nós partia, chegava uma banana nós partia, pão chegava, nós partia. Vem da rua... a polícia vinha, partilhava, corria junto! (Grifo nosso).

Posteriormente, a criação das associações constituiu-se um divisor de águas na vida pessoal e no ofício da catação:

(...) mas hoje em dia, quem administra, lá de cima, somos nós catador, eu aqui embaixo, o povo lá em cima, eu passando experiência, eu fazendo palestra, eu separando material (...) a gente aprendeu isso, na verdade, na rua, né, a vende, por que a gente num tinha ninguém pra orienta assim, nós começo por nós mesmo e foi caminhando (...) essa bagagem que a gente trouxe teve que ser melhorada, que eu bebia dois litro de pinga todo dia, eu fumava, e hoje eu num bebo mais, num fumo. A Asmare trouxe esse know how pra gente também. Como eu ia ser uma presidente se eu tava bebendo? Num podia! Pra mim foi maravilhoso! (Dona Geralda, Asmare)

Para compreendermos o papel das associações, como também, quem são suas associadas e associados, elaboramos o Quadro 1, que se segue, trazendo o perfil de catadoras e catadores entrevistados e se prestará como referencial para as análises preliminares que desenvolvemos a partir dos temas elencados acima.

Quadro 1 – Perfil das/os associadas/os da Asmare e da Acamares

	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHAS/OS	ESCOLARIDADE	TEMPO DE ASSOCIADA/O
ASMARE	Geralda	74	UE	9	SI	34*
	Elisângela	42	UE	2	EJA -EMC	26*
	Ivone	40	S	7	5º ano***	34*
	C1	40	S	3	EMC	27*
	Maria da Paixão	73	S	7	SI	34*
	Alice	50	S	4	SI	30*
	Lucas	28	S	0	EMI	10*
	Silvestre	56	S	1	1º ano***	34*
	Getúlio	45	SI	SI	5º ou 6º ano***	29*
	Adão	64	SI	SI	SI	34*
ACAMARES	Aguida	45	S	4	4º ano***	12**
	Cíntia	23	S	0	EMC	6**
	Pedro	20	S	0	EJA – 7º e 8º anos***	3**
	Cleiton	31	C	2	9º Ano***	2**
	Isaías	27	S	0	EMI	6**
	Lincoln	28	S	0	SI	7**
	William	50	C	3	EMC	7**
	José Augusto	53	SE	2	9º Ano***	14**

Fonte: Entrevistas do projeto Reciclar é educar: a educação não-formal nas vivências de catadoras/es organizadas/os. Quadro elaborado pela autora. Legenda: UE= União Estável; S= solteira/o; SI= Sem Informação; EMI= Ensino Médio Incompleto; EMC= Ensino Médio Completo. *Anos. **Meses. *** As respostas foram adequadas à atual estrutura do sistema educacional brasileiro.

Iniciamos a análise dos dados apresentados no Quadro 1 a partir do quesito “tempo de associada/o”. Registramos esse tempo a partir de duas unidades diferentes: anos e meses. No caso da Asmare, a longevidade da associação e a sucessão de gerações de uma mesma família atuando no ofício da catação e mantendo-se a ela vinculadas, indicou uma média 32,3 anos de permanência na associação e de 51,2 anos de idade suas trabalhadoras e seus trabalhadores. Ao longo de seus trinta e um anos associação teve perdas significativas com o encerramento de atividades como a oficina de marcenaria e a cozinha, por exemplo, entretanto, ampliou seu raio de ação com a instalação de um novo galpão na rua Ituiutaba (bairro Prado), como também, prestando serviços no Mineirão, no Tribunal de Justiça, na Arena MRV e junto à Superintendência de Limpeza Urbana (SLU). Os postos de gestão também passaram, a partir de 2012, a serem ocupados pelas associadas e associados, após a finalização da parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, somando -se às ampliações citadas acima, fato que viabilizou maiores possibilidades de trabalho e de permanência na mesma aos filhos ou netos de seus primeiros integrantes.

A Acamares, como vimos anteriormente, é uma associação com doze anos de existência – ainda em processo de consolidação e expansão – iniciando suas atividades em um novo galpão, no município de Mário Campos, além do já existente no município de Sarzedo. O perfil de sua equipe tem se modificado em função dessa expansão e da introdução ou ampliação dos instrumentos de trabalho na coleta seletiva municipal, como caminhões, e no galpão, como a esteira de triagem, ou o acréscimo de novas prensas, levando ao aumento do número de recém associados, marcadamente o grupo responsável pelas atividades no galpão no dia indicado para a realização das entrevistas: a média de idade do grupo é de 34,6 anos e a de vinculação à associação é de 7,1 meses. Embora haja essa diferença nas médias indicadas acima para ambas associações, dois elementos comuns à afiliação podem ser apontados, quais sejam, famílias cujas gerações se sucedem na catação, antes mesmo do surgimento das associações ou cooperativas:

Eu cheguei na Asmare através da minha mãe, ela trabalhava na rua catando lavagem pra cuida de porcos, aí, eu, muito jovem, comecei a cata papel, aí acabo que eu consegui muda a cabeça da minha mãe também pra gente cata papel que era uma fonte de renda melhor do que ela conseguiria cuidando de porcos na época (...) aí, eu mudei a mente dela (Getúlio, Asmare).

Minha família é toda [de catadoras/es] minha mãe já reciclava, agora ela adoeceu e parou, mas já saía pra rua e eu ia atrás dela pra vê como é que era, eu peguei aquele ritmo dela. Tinha meus menino também, eu levava eles pra rua, todo mundo lá em casa sabe reciclar, se precisar de ir pra rua, sai comigo, não tem vergonha, é um trabalho digno (Aguida [Teca], Acamares).

Outro caminho para se tornar associada ou associado são os “encorajamentos” como nos narram Cleiton e Isaías – convidados por Lincoln – bem como Cíntia – convidada por Isaías:

[...] eu não conhecia a Acamares pessoalmente, né, que tem um colega meu que já trabalhava aqui, o Isaías, tem o Lincoln também, conhecia ele de muito tempo já, a gente cresceu junto e tudo mais. Aí eles vieram me dá oportunidade aqui também (Cleiton, Acamares).

[E aí, como é que você descobriu aqui?] foi meu amigo mesmo, ele começou a trabalha aqui, pegou e me indicou, falou “vamo trabalha lá”, eu peguei e vim [quem que é o seu amigo aqui?] o Lincoln, aí falou “vão lá”, aí eu peguei e vim e gostei de fica aqui (Isaías, Acamares)

[...] meu nome é Cintia, né, tenho 23 anos, meu amigo Isaías que me indicou aqui, a primeira pessoa que eu vi, assim, foi a Ângela, eu cheguei cheia de vergonha, ela foi, me chamou pra dentro da sala lá, aí tava a Kátia, aí eu fui e conversei com a Kátia e depois chegou a Marli e a Marli foi conversando com nós e no outro dia eu já podia vim trabalha, aí eu tô aqui a seis meses (Cíntia, Acamares).

Um aspecto importante que repercute no histórico das associações, logo, de seus associados, é a percepção sobre trabalho e preconceito. Nesse sentido, a formação e

consolidação das associações e o protagonismo de catadoras e catadores nos debates relacionados às questões ambientais da atualidade ou na educação ambiental junto às escolas, possibilitam, em primeiro lugar, uma auto percepção positiva do ofício que exercem, de si próprios e de suas vivências pessoais ou profissionais, como nos afirma Aguida, da Acamares sobre as ações junto às escolas:

Igual, essa semana eu fui com a Marli na escola. Aí eu tive que falar com os menino, que assim, nem sabia o que era reciclagem, eu já olhei pra eles assim, fiquei meio assustada, eles tudo rindo, “e agora? Como é que eu vou fala com esses menino? Já joguei do meu jeito, falei “olha, o trabalho na rua não é fácil, eu sou mãe solo e preciso trabalha, tenho que ensina meus menino também, é importante pra vocês que tá começando agora fala da reciclagem, ajuda muito a família. Eu fui falando, aquele jeito meu e no final eles aplaudiram, gostaram pra caramba, fiquei emocionada, que é uma coisa que a gente passa. É bom que também eles respeitam a pessoa na rua, que vê o pessoal passando “ah, que é catador, morador de rua”, o pessoal num sabe nem quê que é as coisa não é assim, e dali que vai alimenta dentro de casa e a gente vai ajudando a educa o meio ambiente, separando as coisa, aí fui explicando o jeito, que eu sei um pouquinho também (Aguida, Acamares).

Mais à frente, em nossa conversa, ela fala sobre o quanto atuar nas escolas traz à tona sua própria experiência com a educação: “(...) nossa, é maravilhosa! É lembrar da infância que a gente perdeu, tinha que trabalhar pra ajudar o pai e a mãe em casa, não tinha tempo de estudar”. Sua fala nos remete novamente aos dados do Quadro 1. Como podemos observar, o índice de escolaridade registrado a partir dos relatos participantes da pesquisa, relembrando que foram realizadas dezoito entrevistas, apontam que sete (38,8%) conseguiram cursar os anos correspondentes ao Ensino Fundamental, e, entre estes, apenas dois conseguiram finalizar o 9º ano. Quanto ao Ensino Médio, quatro (22,2%) finalizaram essa etapa de escolarização e dois (11,1%) não a concluíram. Finalmente, cinco (27,7%) não souberam identificar qual etapa de escolarização conseguiram atingir na infância. Cabe ressaltar que os dados relacionados à “baixa escolaridade” dizem respeito à escolarização formal. Porém, as/os entrevistadas/os, afirmaram frequentar cursos de formação em diversas áreas, ofertados por instituições públicas como prefeituras, o Serviço Social do Comércio (Sesc) ou o Serviço Social da Indústria (Sesi), entre outras, como recurso para melhorar as oportunidades e condições de trabalho. Entretanto, a formação em cursos técnicos ou profissionalizantes não garantem novas colocações no mercado de trabalho formal como nos relata Ivone, da Asmare, cuja formação e experiência em marcenaria adquirida na oficina da associação foi invalidada pela ausência de escolarização. Esse aspecto pode ser apontado como um dos fatores que inviabilizam o acesso ao mercado formal de trabalho, levando essas trabalhadoras e esses trabalhadores a retornarem às associações ou cooperativas a que se encontravam vinculados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O associativismo apresentou-se – em contraposição à catação autônoma – como um espaço de exercício de cidadania, traduzida em palavras como “voz”, “aprendizado” e “respeito”:

(...) eu aprendi a ter direito e dever, eu aprendi a respeita as pessoas pra elas me respeita, né. Que se ela não respeita, ela num tá cumprindo o dever dela de cidadã comigo[cidadania]é muito amplo mas a primeira coisa é respeito (...) as pessoas tem que respeita uns aos outros, e a gente num era respeitado na rua [a associação] ela trouxe esse processo de valorização, ela trouxe né! (Dona Geralda, Asmare).

As associações, não apenas em seu processo constitutivo, mas, ao longo do tempo, permaneceram como espaços em que o grande educador, na verdade, permanece sendo o “outro”, ou seja, “aquele com quem interagimos ou nos integramos”, havendo, ainda, uma “intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir e trocar saberes” (Gohn, 2016, p. 18). Compreendemos que é nesse processo, no qual a interação/integração com o outro é permeado por uma intencionalidade de organizar e capacitar para o trabalho, que se configura a formação cidadã. Ao serem ouvidos, valorizados pelos saberes forjados nas ruas e na prática cotidiana da catação, reforçam as redes de solidariedade existentes e as ampliam em um novo sentido: no pertencimento social, na identidade de classe e no protagonismo como agentes e educadores ambientais. Buscamos, assim, com estas análises preliminares, ampliar as reflexões sobre a educação não-formal, a capacitação para o trabalho e a formação para a cidadania.

AGRADECIMENTOS

Dirijo meus agradecimentos às catadoras e catadores da Asmare e da Acamares que disponibilizaram seu tempo de trabalho e gentilmente participaram dessa pesquisa narrando suas histórias.

REFERÊNCIAS

DIAS. Sonia Maria. *Trajetórias e memórias dos fóruns lixo e cidadania no Brasil: Experimentos Singulares de Justiça Social e Governança Participativa*. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise do conteúdo*. Brasília: Liber Livro, 2008.

_____; MOLON, Susana Inês. Aproximações entre educação não formal e trabalho mediadas por uma perspectiva socioambiental e de classe. *Cadernos de Educação*, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [30]: 167 - 186, janeiro/junho 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São. Paulo: Paz e Terra, 1997

GOMES, Ângela Maria De Castro. História oral; historiadores e temas sensíveis: um giro no parafuso. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *História oral e historiografia: questões sensíveis*. Brasil. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

MEDEIROS, Zulmira; DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas; COSTA, Tânia Margarida Lima Costa (Orgs). *Metodologia de pesquisa em educação*. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

SILVA, Luís Fernando Santos Corrêa da; PEREIRA, Thiago Ingrassia. Educação e cidadania: reflexões sobre um debate contemporâneo. *Gavagai*, Erechim, v. 3, n. 1, p. 13-27, jan./jun. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.